

Revista Brasileira de Ciências Humanas

ISSN 3085-8178

vol. 2, n. 2, 2026

... ARTIGO 5

Data de Aceite: 10/02/2026

EDUCAR PELO FAZER: PRÁTICAS DE ARTESANATO INDÍGENA COMO CAMINHO PARA O RESPEITO À DIVERSIDADE

Cleyde Nunes Pereira de Carvalho

Formada em Ciências Biológicas pela UEMS

Mestre em Educação pela UEMS

Gestora de Formação da Diretoria Regional de Educação (DRE)/Seduc-MT

Simone Alves da Silva Cunha

Formada em História pela UNIFAEL

Pós-graduada Psicopedagogia Institucional, Clínica e Ludopedagogia pela FIBMG FABRAS

Professora da Seduc-MT



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Resumo: O artigo relata uma experiência pedagógica interdisciplinar realizada em 2024 com estudantes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Ewaldo Meyer Roderjan, mediada por duas professoras não indígenas das áreas de Arte e Ciências Biológicas, com o objetivo de promover o diálogo intercultural e o respeito à diversidade étnica por meio da valorização da arte indígena. A atividade consistiu em uma oficina conduzida por duas artesãs indígenas, tia e sobrinha, na qual os estudantes aprenderam a confeccionar colares, pulseiras e um cesto com palha de arumã, vivenciando saberes tradicionais transmitidos de forma intergeracional. Fundamentado em referenciais da interculturalidade crítica e na legislação que orienta o ensino da história e cultura indígena, o estudo adota abordagem qualitativa e caráter de relato de experiência. Os resultados evidenciam elevado engajamento dos estudantes, ampliação da compreensão sobre a cultura indígena e fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade, demonstrando que práticas pedagógicas baseadas no diálogo de saberes contribuem para a formação de uma consciência crítica, plural e antirracista. Conclui-se que a inserção de conhecimentos tradicionais no espaço escolar favorece a construção do respeito às diferenças e reafirma o papel da escola como espaço de valorização da diversidade cultural.

Palavras-chave: Educação para Diversidade; Arte Indígena; Empatia Intercultural; Diálogo de Saberes, Respeito às Diferenças.

Introdução

No cenário educacional contemporâneo, práticas pedagógicas que valorizam a diversidade cultural e promovam o respeito

às diferenças têm se mostrado fundamentais para uma educação mais inclusiva e significativa, visto que a escola reflete e forma a sociedade em que vivemos. Nesse sentido, no ano de 2024, realizou-se uma atividade pedagógica com estudantes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Ewaldo Meyer Roderjan, localizada na cidade de Brasnorte, estado de Mato Grosso, com o objetivo de promover o diálogo intercultural e fortalecer o respeito à diversidade étnica.

Nesse contexto, por iniciativa de duas professoras regentes, uma de Arte e outra de Ciências Biológicas, autoras deste artigo, decidiu-se promover uma oficina pedagógica com práticas de artesanato indígena, como caminho para o diálogo e respeito à diversidade. Desse modo, as professoras escreveram um plano de aula e, com o aval da gestão escolar, convidaram duas artesãs indígenas da etnia Manoki para ensinar os estudantes a confeccionar artesanatos indígenas. Não houve autorização formal para identificação nominal das artesãs, uma vez que consideraram que o foco está no saber compartilhado e na sua dimensão pedagógica¹.

Nessa aula interdisciplinar, o propósito era estimular a compreensão e o respeito, uma vez que a Arte Indígena seria o próximo tema abordado nas aulas de Artes, proposto pelo Material Estruturado adotado pela Secretaria de Estado de Mato Grosso (SEDUC). Era preciso gerar empatia e co-

1. Uma das artesãs, foi convidada a integrar a autoria do artigo; contudo, não houve envolvimento na escrita ou revisão do manuscrito, mesmo após tentativas de contato, o que inviabilizou sua inclusão formal na coautoria. Compreende-se que tal impossibilidade decorreu, sobretudo, da indisponibilidade de tempo em razão de suas múltiplas atividades pessoais e profissionais, circunstância que é plenamente reconhecida e respeitada pelas autoras.

nexão entre os jovens estudantes e a importância de aprender sobre a cultura indígena. Ao conviver com pessoas diferentes, no aspecto da cultura, modo de vida, opinião, crenças, passamos a compreendê-las melhor e, por conseguinte, respeitá-las com mais facilidade.

Cabe destacar que respeitar o outro não significa apenas tolerar a sua presença, mas reconhecer os seus direitos, valores e dignidade. E isso pode acontecer de forma genuína, quando há convivência, pois ela aproxima as pessoas e rompe barreiras. Nesse sentido, o intuito da aula era o de promover uma vivência pedagógica intercultural por meio da valorização do artesanato indígena, oportunizando aos estudantes o contato direto com saberes tradicionais e a construção do respeito às diferenças culturais.

Além disso, a atividade permitiria aos estudantes a vivência prática de técnicas artesanais indígenas, aliando aprendizagem, protagonismo estudantil e interculturalidade.

Por conseguinte, esse artigo tem como objetivo relatar essa experiência exitosa, refletindo sobre seus impactos na formação dos estudantes e destacando a importância do diálogo entre saberes tradicionais e o espaço escolar.

Marco teórico

A valorização das práticas culturais indígenas no ambiente escolar está diretamente relacionada ao reconhecimento da diversidade étnico-racial como um dos pilares para a construção de uma educação democrática, inclusiva e antirracista. As atividades de artesanato indígena, quando inseridas no contexto educativo, constituem uma potente estratégia de sensibilização e desconstrução

de estereótipos, possibilitando o contato direto com saberes ancestrais e formas alternativas de produzir conhecimento.

Segundo a Lei nº 11.645/2008, torna-se obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, em todas as disciplinas. Essa legislação reforça o compromisso da escola com a promoção da equidade e da diversidade cultural, contribuindo para a valorização dos povos originários e suas expressões identitárias. Como aponta Gomes (2017), a presença de conteúdos indígenas no currículo escolar não deve se restringir a datas comemorativas ou a abordagens superficiais, mas sim integrar práticas pedagógicas contínuas e significativas.

Autores como Candau (2012) e Walsh (2009) destacam a importância da interculturalidade crítica na educação, que propõe o diálogo entre diferentes saberes, reconhecendo o valor epistêmico das culturas subalternizadas, especialmente dos povos indígenas. Essa perspectiva rompe com a lógica colonial de conhecimento único e hegemônico, promovendo o respeito à diferença como fundamento para a convivência democrática.

O artesanato indígena, nesse sentido, é mais do que uma atividade manual: ele carrega símbolos, histórias, cosmologias e modos de vida que expressam a relação dos povos indígenas com a natureza, a coletividade e o sagrado. Como ressalta Krenak (2019), pensar com a terra e agir com base no pertencimento comunitário são formas de resistência cultural que desafiam o pensamento moderno ocidental. Assim, inserir essas práticas no contexto escolar é também um ato político de valorização da diversidade e de enfrentamento ao epistemicídio.

Na perspectiva da educação como prática da liberdade (Freire, 1996), o contato com o artesanato indígena permite aos estudantes reconhecerem-se como sujeitos históricos e culturais, desenvolvendo a empatia, o respeito e a valorização das diferenças. Quando essa prática é mediada por representantes das próprias comunidades indígenas, o processo se torna ainda mais significativo, promovendo experiências de convivência autêntica e de escuta ativa, que aproximam os mundos e humanizam as relações.

À luz dessas considerações, o reconhecimento e a valorização das práticas culturais indígenas no espaço escolar contribuem para a formação de uma consciência crítica e plural, conforme apontam Hall (2003) e Silva (2000), ao destacarem que as identidades culturais são construídas no entrelaçamento das experiências e nas negociações de sentido entre diferentes grupos sociais. A escola, portanto, tem o papel de favorecer essas interações e de garantir que vozes historicamente silenciadas sejam ouvidas, vistas e reconhecidas.

Desenvolvimento da Atividade

A atividade foi conduzida com base em uma abordagem qualitativa e participativa, estruturada nos moldes de uma oficina pedagógica prática. Inicialmente, as professoras regentes apresentaram aos estudantes as artesãs indígenas convidadas. As representantes da comunidade indígena iniciaram o encontro com uma breve fala sobre aspectos de sua cultura e sobre a proposta de trabalho. (Imagem 1).

Na sequência, o espaço físico foi reorganizado: as carteiras da sala de aula foram agrupadas para formar uma grande mesa

central, em torno da qual as cadeiras foram dispostas, favorecendo a colaboração e a visibilidade mútua entre os participantes. (Imagem 2). Os materiais foram distribuídos de maneira acessível e os estudantes foram orientados com cuidado e respeito pelas artesãs, que conduziram a atividade com sensibilidade e paciência.

Foram utilizados diversos materiais naturais e artificiais, como miçangas, sementes de árvores, cipós, barbantes, entre outros. Os estudantes produziram colares e pulseiras, e foi confeccionado um cesto com palha de arumã. (Imagens 3, 4, 5 e 6). A oficina teve duração de quatro horas e ocorreu no período matutino, em sala de aula, no dia 06 de junho de 2024. Durante toda a atividade, foram realizados registros fotográficos e audiovisuais, com o intuito de documentar a experiência e promover reflexões posteriores.

Atores do processo

A Escola Estadual Ewaldo Meyer Roderjan, atende estudantes de distintas origens socioculturais. A turma de 2º ano do Ensino Médio envolvida na oficina pedagógica era composta por aproximadamente 30 alunos, caracterizando-se por seu perfil heterogêneo e receptivo a práticas pedagógicas inovadoras.

A proposta foi cuidadosamente estruturada, com a elaboração de um plano de aula contemplando momentos de acolhimento e realização da atividade prática e roda de conversa para fechamento. A contribuição das artesãs indígenas foi fundamental na preparação e condução da oficina, representando a união entre o saber acadêmico e o conhecimento tradicional de sua comunidade.

Durante a oficina, as práticas foram conduzidas pelas artesãs que ensinaram aos estudantes a confecção de pulseiras e colares com base em sua cultura e vivências pessoais. Elas compartilharam ainda a importância desses adornos para a identidade de seu povo. Os ensinamentos sobre a confecção dos cestos foram transmitidos pela artesã mais experiente, a tia, detentora do conhecimento tradicional, com a participação de sua sobrinha, reforçando a dimensão intergeracional dos saberes indígenas. Os estudantes participaram ativamente, demonstrando interesse e envolvimento. Cada discente produziu ao menos uma peça artesanal, evidenciando um ambiente de concentração e respeito mútuo.

O trabalho foi posteriormente ampliado e, ao final do ano letivo, resultou na participação dos estudantes da Escola Estadual Indígena Tapurá Irantxe e da Escola Estadual Ewaldo Meyer Roderjan em uma exposição do projeto EduMotivação², realizada nas dependências da escola.

A atividade proporcionou um alto nível de engajamento por parte dos estudantes, que permaneceram motivados durante toda a oficina. O resultado concreto se manifestou na confecção de cestos, colares e pulseiras, bem como na realização de uma exposição dos trabalhos produzidos ao longo do ano letivo. (Imagem 7). Relatos espontâneos dos alunos indicaram reconhecimento e valorização da cultura indígena, além do desejo de ampliar o contato com outras manifestações culturais. A experiência também

contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade, promovendo o respeito à diversidade e o protagonismo indígena.

Considerações Finais

A experiência pedagógica desenvolvida na Escola Estadual Ewaldo Meyer Roderjan revelou-se uma ação educativa significativa, ao integrar aprendizagem prática, valorização dos saberes tradicionais e promoção do respeito à diversidade cultural. O contato com as artesãs, possibilitou aos estudantes uma ampliação de suas perspectivas socio-culturais, promovendo uma formação cidadã mais sensível e crítica. Iniciativas como essa evidenciam o papel da escola como espaço privilegiado para o diálogo intercultural e para a construção de uma educação comprometida com a pluralidade e a justiça social.

O respeito não nasce do isolamento, mas da aproximação. E para haver uma convivência harmoniosa, é preciso estar disposto a aprender com o outro e a construir relações baseadas no diálogo e na aceitação.

Referências

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 14, de 6 de junho de 2012.** Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 49, 15 jun. 2012.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394/96 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 1, 11 mar. 2008.

2. EduMotivação é um programa da Secretaria de Estado de Educação (Seduc-MT) voltado para professores e gestores da rede estadual, funcionando como um evento motivacional e de troca de experiências, com palestras e atividades para engajar a equipe escolar e melhorar o ensino, dentro do escopo do programa “Educação 10 Anos”.

CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural: mediações e desafios**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Educação e cidadania planetária**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2000.

GOMES, Nilma Lino. **Educação para a diversidade: democratização, políticas e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MATO GROSSO. **Secretaria de Estado de Educação. Sistema Estruturado de Ensino: Arte – 2º ano do Ensino Médio**. Cuiabá: SEDU-C-MT, 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Saberes indígenas na escola**. São Paulo: Contexto, 2010.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade e colonialidade do poder: um pensamento e posicionamento outro a partir da diferença colonial**. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 109, p. 15–37, jan./abr. 2009.

Anexos



Imagem 1. Interação inicial da artesã com os estudantes.



Imagem 2. Estudantes produzindo os artesanatos.



Imagem 3. Pulseira produzida por uma estudante.



Imagem 4. Artesanatos produzidos pelos estudantes.



Imagem 5. Exposição de artesanatos e cestos indígenas.



Imagem 6. Artesã ensinando como produzir um cesto.



Imagem 7. Exposição dos trabalhos produzidos ao longo do ano letivo.